

## **O tecer das tramas: dificuldades e desafios na apuração e na escrita do perfil jornalístico de Cassiana Ferreira Nunes<sup>1</sup>**

Thalia Aparecida GONÇALVES<sup>2</sup>

Tamires Ferreira COELHO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

Este artigo busca refletir sobre as dificuldades e os desafios na escrita e apuração do perfil jornalístico a partir das impressões sobre o perfil “A mulher que teceu história”, que faz parte do livro “Mãos que contam histórias: vida e obra de artesãos cachoeirenses”. Além disso, é realizada uma discussão sobre o perfil a partir de autores como Vilas Boas (2003), Sodré e Ferrari (1986) e sobre aspectos da entrevista como ferramenta jornalística. Verifica-se uma ligação com a personagem, despertando uma reflexão sobre o processo de produção jornalística comprometido com a preservação de narrativas e da memória de uma comunidade a partir de uma personagem importante, mas negligenciada por ser mulher em um cenário de valorização do artesanato produzido por homens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perfil; Jornalismo; Entrevista.

### **INTRODUÇÃO E CONTEXTO**

Este artigo pretende trazer reflexões sobre as dificuldades e desafios na apuração e escrita do perfil jornalístico a partir das percepções da autora durante o processo de produção do perfil “A mulher que teceu história”, protagonizado por Cassiana Ferreira Nunes. O texto faz parte do livro “Mãos que contam histórias: vida e obras de artesãos cachoeirenses”, que será apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em 2019.

“Mãos que contam histórias: vida e obra de artesãos cachoeirenses” é um livro de perfis de artesãos de Cachoeira do Brumado, distrito da cidade de Mariana-MG. A

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 01 - Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Contato: [thalia.goncalves@aluno.ufop.edu.br](mailto:thalia.goncalves@aluno.ufop.edu.br)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Contato: [tamiresfcoelho@gmail.com](mailto:tamiresfcoelho@gmail.com).

---

proposta do trabalho surgiu após a constatação de que não há na comunidade muitos registros sobre a história do distrito, suas tradições e personalidades — além de isso ser uma demanda frequente dos moradores de Cachoeira do Brumado.

Ainda, outra tensão que move essa pesquisa é como contar às futuras gerações sobre a história do distrito, as pessoas, o modo de viver, o artesanato, as tradições, já que essas memórias são narradas, em sua maioria, de forma oral. Logo, correm o risco de se perderem, principalmente, se considerarmos que muitos dos moradores que possuem esses conhecimentos, especialmente os mais idosos, podem vir a falecer. Dessa forma, o objetivo da pesquisa desenvolvida em meu TCC é compreender como as experiências individuais, relatadas através dos perfis jornalísticos, se relacionam à memória local e à prática artesanal da comunidade.

A escolha do perfil para narrar as histórias desses artesãos é fundamentada uma vez que, segundo Halbwachs (2006, p. 30), as nossas memórias individuais são também coletivas, pois jamais estamos sozinhos, e também ao contarmos essas recordações elas também passam a fazer parte da esfera coletiva. Além disso, mesmo o perfil tendo como foco um único indivíduo, a partir dele é possível perceber aspectos do contexto em que o personagem está inserido.

Para Silva (2010, p. 406), é “através desse formato, sem dúvida, podem ser construídos verdadeiros retratos jornalísticos baseados na vida cotidiana, configurando-se num bom revelador do estilo da época e dos atores que elaboram o conhecimento coletivo”. Logo, o perfil exerce um papel de ponte entre o passado e presente a partir das lembranças que são contadas e atualizadas ao decorrer da narrativa.

É preciso ressaltar que a escolha em retratar a vida de artesãos de Cachoeira do Brumado, e até mesmo o recorte no artesanato, está relacionada aos laços da autora com a comunidade e a produção artesanal. Isso porque a pesquisadora é cachoeirense e tem uma relação próxima com o artesanato, como ainda criança aprendeu a tecer os tapetes de sisal — artesanato típico da comunidade. Revelar isso, mais do que ser transparente e sincera com o leitor, é também uma forma de me colocar em meus textos.

Além disso, a escolha em abordar a temática do artesanato também está relacionada ao fato de que o distrito marianense é conhecido na Região dos Inconfidentes (MG) e em várias cidades do Brasil devido à sua produção artesanal.

---

Ao todo, o livro irá contar a histórias de cinco artesãos, sendo que três deles já faleceram. Para este artigo, iremos nos debruçar principalmente nas reflexões sobre o processo de apuração e escrita da personagem Cassiana Ferreira Nunes, pioneira dos tapetes de sisal no distrito, falecida em 1959. Por causa disso, não foi possível ter o contato com ela, além de não ter dados suficientes disponíveis como se pretendia - essas e outras dificuldades serão narradas posteriormente neste artigo.

Diante disso, um questionamento que perpassou a apuração e a escrita foi: como retratar essa personagem, já que não tive contato com ela durante a produção do perfil (e em outro momento)? Como suprir essas ausências de dados? É sobre essas inquietações que este artigo pretende refletir.

## **O PERFIL JORNALÍSTICO**

O perfil tem como principal objetivo apresentar ao leitor um personagem e a sua história. Por ser uma narrativa menor, se diferencia da biografia por retratar apenas alguns detalhes da vida do personagem, por exemplo, algum trabalho que realizou ou conquista. Dessa forma, não tem a intenção de retratar a pessoa em sua totalidade, nem aprofundar em todos os aspectos da sua trajetória.

A pauta do perfil é o personagem que, segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), pode ser de três tipos: o personagem-tipo, o personagem-indivíduo e o personagem-caricatura. O personagem-tipo seria aquele que já tem algum status de celebridade e fama como jogadores de futebol, cantores, atores, políticos, etc. Por isso, ainda que o repórter busque um novo contraponto, o texto pouco irá trazer alguma novidade ao leitor.

Já o personagem-indivíduo seria aquele em que “o retrato é mais psicológico do que referencial – o interesse recai sobre a atitude diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação”, enquanto os personagens-caricatura seriam “sujeitos estranhos, de gestos grotescos e a mirabolantes, com acentuada tendência para a exibição” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 136).

Ainda de acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 129-131), é possível escrever um perfil de três maneiras distintas. São elas: o perfil com o discurso direto, que é construído predominantemente pelas falas do entrevistado e sem as

impressões do repórter sobre o personagem como em uma entrevista pingue-pongue; o perfil com o discurso indireto que construído exclusivamente a partir das percepções do jornalista; e, por último, o perfil que seria uma combinação dos dois discursos. Nesse caso, teríamos um

narrador que desconhece seu personagem e relata a experiência do encontro *no momento em que se dá*. Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 131, grifos dos autores).

Por ter o personagem como foco, o perfil não segue o modelo da pirâmide invertida, possibilitando ao jornalista uma escrita mais livre e sem as amarras das técnicas de redação a partir das observações e percepções do repórter sobre o perfilado. Afinal, como afirma Sérgio Vilas Boas (2003, p. 10), “o perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza”.

Para Fabiano Ormaneze (2013, p. 2), o perfil estaria relacionado com o Jornalismo Literário, que, por sua vez, tem como principal característica a linguagem. Assim,

é essa concepção que torna possível uma abordagem do real, do observável e checado pelo repórter de uma maneira criativa, que fuja aos moldes tradicionais, consolidados pelo lide e a pirâmide invertida. Essa possibilidade de o jornalista construir o seu texto com liberdade estilística existe em razão da concepção de que o sujeito é, por natureza, dotado de subjetividade e historicidade. Entendê-lo como possível de objetividade, neutralidade e isenção é uma falácia, porque seria uma incoerência em relação à própria constituição do ser humano. (ORMANEZE, 2013, p. 2)

Dessa forma, a humanização do protagonista no texto é uma característica essencial no perfil. Entretanto, ela não ser entendida somente como a valorização da experiência do outro, mas também do jornalista e do leitor como é proposto por Fabiano Ormaneze (2013, p. 2-3), ao citar Sims e Kramer (1995), na “tríade da humanização no Jornalismo Literário”. Assim, segundo os autores, a humanização se daria da seguinte forma: o repórter mais do que contar sobre o sujeito perfilado, teria a possibilidade de se colocar na narrativa e compartilhar as suas experiências, sua voz, angústias e medos no processo de apuração e escrita. O personagem, por sua vez, de ser mostrado com precisão e maior número de informações e detalhes possíveis. E, por último, a identificação ou não do leitor com o personagem retratado no perfil.

---

Mais do que essencial, é através da humanização do sujeito que o perfil gera empatia ao final do texto e ter revelado quem é o seu protagonista. É por meio da empatia que tentamos nos colocar no lugar do personagem, conhecer as suas emoções, compartilhar medos, felicidades e sonhos. É também a empatia (ou a falta dela) que encerrará o ciclo relacional entre jornalista-personagem-texto-leitor.

## **A ENTREVISTA COMO PRINCIPAL FIO CONDUTOR DA APURAÇÃO E DA ESCRITA DO PERFIL**

A entrevista pode ser entendida como “uma situação de interação verbal por meio de perguntas e respostas, com um objetivo específico” (MARIANO, 2015, p. 195), que por sua vez, é, no Jornalismo, uma prática fundamental para a coleta de dados e a apuração dos fatos. É a partir dela, que ocorre a verificação das informações e que o repórter tem o contato com os personagens envolvidos e pode escutá-los.

Como dito anteriormente, o personagem é o foco principal de um perfil. No entanto, para apresentá-lo ao leitor, é preciso, primeiramente, que o jornalista tenha contato e crie uma aproximação com o protagonista, a fim de conhecê-lo antes de traçar o seu perfil. Para isso, o repórter “vai para a rua” e inicia o processo de apuração, pois “com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia” (KOTSCHO, 2007, p. 12).

Por se tratar de uma técnica da prática jornalística, a entrevista geralmente é vista como uma situação formal. Conseqüentemente, muitas vezes pode causar receio na fonte, ao se sentir, por exemplo, intimidada pelo gravador ou câmera fotográfica, dificultando a relação entrevistado e entrevistador e gerando um distanciamento entre ambas as partes.

Bourdieu chama de violência simbólica tudo que pode afetar e distorcer as respostas em uma entrevista. O gravador pode mudar o comportamento do entrevistado que pode, por exemplo, omitir informações fundamentais pelo fato de saber que o que diz está sendo gravado. [...] Tanto a máquina fotográfica como o gravador podem causar timidez em uns, exibicionismo em outros. (CAPUTO, 2006, p. 28)

Uma vez que ocorre esse afastamento na relação jornalista e personagem, o resultado final da escrita do perfil pode ficar comprometido, pois

---

a narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir. (VILAS BOAS, 2003, p. 13-14)

Assim, é preciso que o jornalista tenha empatia e humildade para olhar a entrevista como um momento de troca e partilha, da mesma forma que em uma conversa cotidiana. Não ficar apenas preso a seguir a pauta, mas aproveitar a situação e perceber detalhes que só aquele contato direto com a fonte possibilita. Afinal, estamos falando de pessoas e não podemos apenas aplicar friamente um método.

Silva (2010, p. 408) ao discutir sobre a entrevista no processo de escrita do perfil afirma que ela “tornou-se uma etapa fundamental na elaboração do perfil, pois através dela como instrumento metodológico, foi possível angariar o espaço necessário para o jornalista buscar aproximação e narrar densamente o encontro com o seu entrevistado”. Portanto, temos na entrevista, com o personagem ou pessoas que convivem com ele, o principal fio condutor da apuração para o perfil, pois o que interessa ao repórter é a imagem que o protagonista traça de si.

Apesar de ser o fio condutor, a entrevista não é o único meio de apuração para o perfil, e outros textos jornalísticos, como também o repórter não deve ficar preso somente a ela. Maciel (2006, p. 7 apud MARIANO, 2015, p. 195), ao falar sobre o processo de apuração nas práticas do Jornalismo, propõe um tripé que seria a base do processo de levantamento e checagem dos dados, que pode e deve também ser utilizado no perfil: as fontes humanas, as fontes documentais e a observação. Contudo, como Mariano (2015, p. 195) ressalta, “esse tripé nem sempre será acionado, pois nem sempre há documentos a serem apurados, tempo disponível ou interesse. Da mesma forma, a observação pode não ser praticada” que é o caso do perfil que será considerado a seguir neste artigo.

## **O TECER DAS TRAMAS: DESAFIOS E DIFICULDADES NA APURAÇÃO E NA ESCRITA DO PERFIL JORNALÍSTICO**

Ao escrever um perfil, muitas vezes o repórter utiliza-se de elementos literários como a descrição, narração, metáforas, comparações, entre outros para enriquecer e envolver o leitor na narrativa — o que não quer dizer que por isso é um texto ficcional.

---

Isso ocorre pois, para escrever um perfil, é preciso que o jornalista realize uma apuração detalhada sobre o sujeito a ser retratado, da mesma forma que acontece em todas as produções jornalísticas. Afinal, o repórter tem o compromisso com o público e a veracidade dos fatos, uma vez que “a notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações” (PEREIRA JUNIOR, p. 71).

É também durante a entrevista que o repórter estará “frente a frente” com o seu protagonista, conhecer sobre a sua história, trabalho, angústias e sonhos para retratar ao público. É no momento do encontro que o jornalista terá a oportunidade de perceber detalhes importantes da personalidade e o estilo de vida do seu protagonista que irão enriquecer a narrativa e passar ao leitor uma visão mais ampla e completa sobre o perfilado.

No entanto, como trazer essa abordagem para o texto quando não é possível realizar esse encontro? Como realizar a apuração quando a entrevista com o seu perfilado não é possível? *Frank Sinatra has a cold*, escrito por Gay Talese em 1966, é um excelente exemplo que é possível fazer a um bom perfil sem conseguir o contato direto com o personagem, apenas seguindo “os seus passos” e conversando com as pessoas que convivem/conviveram com ele no cotidiano.

Entretanto, como proceder quando, além de não ser possível conversar com o seu personagem, não há dados suficientes sobre ele ou sobre pessoas que o conheceram ou saibam falar sobre ele? Como traçar o seu perfil? Para refletirmos sobre essas questões, usaremos como exemplo o perfil “A mulher que teceu história” protagonizado por Cassiana Ferreira Nunes.

Fabiano Ormaneze (2013, p. 3), apropriando-se dos pensamentos de Sims e Kramer (1995), ao refletir sobre o Jornalismo Literário, afirma que no intuito de contar um fato a partir da trajetória de alguém, o repórter precisará de um tempo maior para a apuração, realizando assim a chamada imersão na realidade. Para o autor, isso é necessário porque “numa abordagem distanciada do personagem, sem conhecer o espaço em que ele vive, trabalha ou as pessoas que estão ao seu redor, é impossível mostrá-lo em plenitude, como centro de uma narrativa” (ORMANEZE, 2013, p.3).

Entretanto, estamos aqui diante de uma personagem que faleceu há quase 60 anos, dificultando a execução de uma imersão na sua realidade, pois não é possível entrevistá-

---

la, nem me aproximar dos seus estilos de vida e contextos. Então, de qual modo tornar esse processo possível? Como executar a pauta desses perfil?

Cassiana Ferreira Nunes foi a primeira pessoa a fazer os tapetes de sisal no distrito de Cachoeira do Brumado. Pioneira dessa arte, a sua história e o seu feito são poucos conhecidos pelos moradores do distrito — inclusive pela autora que só soube da sua história durante o processo de escrita do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, a dificuldade em representar Cassiana em um perfil não se resume apenas no desconhecimento dos cachoeirenses sobre ela, mas também pela falta de documentação, fotografias e objetos que pertenceram a ela.

Nascida no final do século XIX em Cachoeira do Brumado, Cassiana morreu em 1959. Por essa razão, exceto os seus familiares, pouquíssimas pessoas na comunidade têm alguma informação sobre ela para além do seu pioneirismo. Esse foi o primeiro desafio enfrentado durante o processo de produção, já que não foi possível ter uma maior variedade de entrevistados para falarem sobre Cassiana, restringindo-se, especialmente, a uma das suas netas — que se tornou a principal fonte do meu texto.

No entanto, apenas as lembranças dessas pessoas sobre Cassiana não são suficientes para representá-la em um perfil, principalmente, porque dados como data de nascimento, informações sobre dados dos pais ou sobre quando se casou não eram conhecidos pelas pessoas com quem conversei. Assim, foi preciso buscar por fontes documentais nos arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, no Cartório de Notas e Registro de Cachoeira do Brumado e no Cartório de Registro Civil de Mariana. Por sua vez, essa pesquisa também apresentou dificuldades, pois houve, majoritariamente, um contato direto com documentos velhos, rasgados, rasurados e ilegíveis.

Contudo, durante o processo de apuração, constatou-se que, mais do que esquecida na memória dos cachoeirenses, Cassiana é também esquecida nos documentos. O único registro sobre disponível foi o de óbito, no Cartório de Notas e Registro de Cachoeira do Brumado, mas mesmo assim estava rasurado e com uma nota informando que a data de falecimento havia sido registrada errada, para, em seguida, colocar a data tida como correta.

Nos demais arquivos, nada foi encontrado. Isso porque o Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, só mantém na comunidade documentos datados a partir de

---

1920. Já o Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, o livro de registro de Cachoeira do Brumado mais recente que tem no acervo é um de batismo do período de 1871 a 1882. Ainda, nenhum registro de Cassiana foi localizado no Cartório de Registro Civil de Mariana. Dessa forma, concluiu-se ela talvez nunca tenha sido registrada — fato que era bem comum para aquela época.

Diante disso, a maior dificuldade está no fato de o tripé da checagem de dados, proposto por Maciel (2006, p. 7 apud MARIANO, 2015, p. 195), não pôde ser contemplado em sua totalidade para esse perfil. Sem ter conhecido a protagonista ou ter tido a oportunidade de me encontrar com ela e ter as minhas próprias percepções, juntamente com a escassez de dados, tudo o que sei foi narrado por outras pessoas. Sendo assim, não foi possível trazer a voz de Cassiana para o texto que pretende retratá-la.

Logo, as informações que tenho podem não representar a verdade sobre quem foi Cassiana, mas sim a forma como as fontes ouvidas desejam que ela seja retratada, revelando assim mais do entrevistado do que da protagonista. Como afirma Mariano (2015, p. 203), “sobre as mentiras, fabulações e recriações dos entrevistados, podemos afirmar que todos são também, cada um do seu jeito, contadores de histórias. Imersos, assim como os jornalistas, no caldeirão de ‘estórias’ socialmente compartilhadas”.

Esses desafios e dificuldades enfrentados durante a apuração, refletiram também no processo de escrita. Afinal, como contar a história de Cassiana já que pouco conheço dela? De informações básicas como o seu nascimento a detalhes sobre a sua personalidade, opiniões, crenças e até mesmo a verdadeira história sobre a razão que a levou a começar a tecer tapete nunca serão a mim reveladas, há uma lacuna de dados que não consegui preencher.

Tudo isso causou uma aflição sobre o narrar essa história e duvidar da minha capacidade de escrita, ao retratar alguém que estou longe de conhecer, causando-me um bloqueio. Ao mesmo tempo, não queria abrir mão de escrever esse perfil pelo peso da sua história nas entrelinhas: uma mulher importante para toda uma comunidade que foi silenciada e esquecida.

Luis Felipe Silveira de Abreu, André Correa da Silva de Araujo e Alexandre Rocha da Silva (2016, p. 63), ao falarem sobre as dificuldades da escrita do perfil, afirmam que

---

a problemática do perfil é, como observamos, escrever o outro. Mais que os dados e os fatos, as opiniões e as estatísticas, interessa-o escrever aqueles que movimentam estas circunstâncias. Esta escrita, porém, é constrangida por contingências das mais variadas ordens. Há questões do próprio jornalismo, cuja relação com a alteridade é historicamente ruidosa - os encontros com o outro ocorrem, se tanto, nas brechas do discurso, para usarmos o termo de Fernando Resende (2009). Concomitante a este problema, a escrita do outro defronta-se com as dificuldades impostas pela narrativa escrita. Trata-se de traduzir a vida para os termos do texto. O esforço hercúleo desta tarefa e o atrito aí perceptível nos levam a questionar a possibilidade de tal empreitada. O perfil assume-se enquanto escrita da vida, relato dos fatos de uma existência, e os recursos formais que apontamos como constitutivos do gênero são menos malabarismos estéticos do que estratégias de enfrentamento deste problema: Como irei escrever uma *vida*? (ABREU; ARAUJO; SILVA, 2016, p. 63)

O desafio de tecer as tramas da vida de alguém é enorme. Por mais que não precisemos seguir uma fórmula, como *leads* e pirâmide invertida, qual gancho utilizar no texto? Qual face desse personagem representar, principalmente, diante dessa ausência de dados? Vilas Boas (2003, p. 13-14), ao falar sobre os processos de criação do perfil, afirma que neles são combinados cinco elementos: memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos. É a partir deles que a escrita fluiu. E foi a partir disso que busquei construir a narrativa do meu texto, especialmente, da imaginação baseada em dados apuráveis, mas não capturáveis com maior precisão.

Para isso, tentei traçar paralelos que eu, como autora, e a protagonista poderíamos ter em comum como o fato de tecer - o que aprendi ainda na infância. Assim, como estratégia narrativa busquei brincar com o tecer os tapetes e das tramas no no texto, utilizando dos meus conhecimentos prévios sobre o tecer e as minhas memórias afetivas sobre o fazer dos tapetes de sisal para escrever o perfil de Cassiana. Veja abaixo um trecho:

Tecer. Verbo transitivo direto que significa “entrelaçar regularmente os fios; fazer (tela ou tecido) com os fios;”. Em Cachoeira do Brumado, esse verbo se torna feminino e quer dizer arte, beleza, cultura, tradição, mas, sobretudo, histórias. Histórias que são passadas de geração a geração no ato de tecer; histórias que são construídas e narradas no cotidiano; histórias de vidas que se ergueram com o dinheiro dos tapetes de sisal. Mas, dentre todas elas, tem uma que é apagada e quase nunca é contada nesse tecer das tramas... a história de Cassiana Ferreira Nunes.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é necessário enfatizar, que as reflexões aqui traçadas são iniciais da pesquisa, visto que o Trabalho de Conclusão de Curso ainda está em fase de produção, escrita e finalização. Entretanto, é preciso ressaltar que as dificuldades e os desafios da apuração e escrita do perfil jornalístico serão experimentados de formas distintas, dependendo de quem é o personagem, das informações disponíveis sobre ele e também de fatores relacionados ao próprio jornalista.

Essas diferenças já estão sendo percebidas durante o meu TCC a partir dos perfis de Artur Pereira, renomado escultor e artista popular cachoeirense, e Mário Ramos Eleutério, ex-tropeiro e artesão, ambos já falecidos. O contraste na apuração desses perfis, se comparados ao de Cassiana, se dá devido ao fato de ter uma maior disponibilidade de fontes de pesquisa e dados sobre eles como fotos, livros, vídeos, documentos e pessoas que conviveram com eles. Assim, os desafios enfrentados foram menores e a escrita fluiu melhor se comparados com o perfil da tecelã. No caso de Mário, há ainda um diferencial, uma vez que eu cheguei a conhecê-lo e realizar trabalhos de cunho biográfico sobre ele durante o Ensino Fundamental.

Ainda, a minha ligação direta e indireta com esses personagens e suas histórias, despertou em mim também um processo de reflexão sobre quem sou, o lugar que ocupo e o meu processo de produção durante o meu livro de Trabalho de Conclusão de Curso. Por isso, para cada perfil escrito, há também um pequeno texto, próximo ao que Eliane Brum faz em “O olho da rua” (2017), onde reflito sobre o processo de apuração e escrita do texto, fatos que marcaram, etc. São nesses textos que eu me coloco na narrativa e mostro ao leitor tudo aquilo que me afetou (e afeta) em uma tentativa de aproximação.

Diante disso, por mais difícil que tenha sido a apuração e a escrita do perfil de Cassiana, todo esse processo foi de grande aprendizado sobre a prática jornalística, especialmente, sobre o texto no perfil. Mesmo sendo desafiador, foi uma experiência importante por ter me tirado da minha zona de conforto e mostrar que é possível escrever o perfil de um personagem mesmo sem conhecê-lo.

Para além disso, escrever o perfil sobre Cassiana é também um ato de resistência a sua memória e ao seu legado. Ela que foi pioneira em um dos artesanatos mais importantes de Cachoeira do Brumado, proporcionou uma independência financeira a

mulheres de várias gerações, por menor que tenha sido, ao iniciar a produção dos tapetes. Por isso, falar sobre Cassiana é também resistir e afirmar a sua existência e o seu legado para a comunidade cachoeirense, preservando uma personagem negligenciada por ser mulher em um cenário de valorização do artesanato produzido por homens, algo que renderá futuras discussões.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Luis Felipe Silveira de; ARAUJO, André Correa da Silva de Araujo; SILVA, Alexandre Rocha da. Do perfil jornalístico à escrita biográfica: vida em detalhes. In: **Contemporanea: Revista de comunicação e cultura**, v.14, nº 01, jan - abr de 2016, p. 55-71. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13845>>. Acesso em: 15. abr. 2019

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre - RS: Arquipélago Editorial, 2017.

CAPUTO, Stela Guedes. Sobre entrevista: teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006. Disponível em: <[https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela\\_guedes\\_caputo\\_-\\_sobre\\_entrevistas-1-1.pdf](https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf)>. Acesso em: 22. fev. 2019

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. Editora Ática: São Paulo, 2007, 4ª ed., 7ª impressão.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Verdade e ficção na produção jornalística: entrevista e memória. In: **Revista Eco Pós**, v. 18, nº 2, 2015, p. 193 - 205. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/1402/2250](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1402/2250)>. Acesso em: 14. abr. 2019

ORMANEZE, Fabiano. **O gênero perfil à luz dos valores-notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário**. Anais do VI Encontro Paulista de Professores Paulista, São Paulo (SP), 26 e 27 de abril de 2013, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=983&print=1&cf=26>>. Acesso em: 12. abr. 2019

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, p. 403-412, julho/dezembro de 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

---

TALESE, Gay. **Frank Sinatra has a cold.** Revista Esquire, 1966. Disponível em: <<https://www.esquire.com/news-politics/a638/frank-sinatra-has-a-cold-gay-talese/>>. Acesso em: 13. abr. 2019

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los.** 2ª ed. São Paulo: Summus, 2003.